

## **SOBRE O ATO DE EDUCAR: UM BREVE OLHAR**

## **SOBRE EL ACTO EDUCATIVO: UNA BREVE MIRADA**

Maria Félix Lopes da Rocha<sup>1</sup>  
José João Neves Barbosa Vicente<sup>2</sup>

**Resumo:** A educação como já foi dito várias vezes, principalmente por aqueles que dedicam seus estudos e pesquisas no sentido de compreendê-la, trata-se de uma atividade humana imprescindível, indispensável e necessária. Para alguns, somos o que somos, graças à educação, nesse sentido, refletir sobre a atividade educativa é, em termos gerais, refletir sobre o próprio ser humano. Ao longo da história do pensamento ocidental, não é difícil encontrar observações que apontam para o ato de educar como sendo uma atividade capaz de colaborar efetivamente para a construção de uma sociedade que tende a valorizar a justiça, a harmonia e a igualdade entre seus membros. Mas, para isso, não se pode dispensar o diálogo; além disso, é preciso também entender o indivíduo como ele é e preservar a sua liberdade de início ao fim. Neste pequeno estudo, o objetivo não é fazer uma análise aprofundada sobre o ato de educar, elaborar uma teoria modelo e nem apresentar uma ideia conclusiva sobre esse tema, mas apenas colaborar com essa atividade humana através de uma breve contribuição no formato de uma reflexão introdutória, a partir de leituras e análises de textos de alguns pensadores e estudiosos desse assunto.

**Palavras-chave:** Diálogo. Educação. Liberdade. Sociedade.

**Resumen:** La educación, como se ha dicho muchas veces, sobre todo por quienes dedican sus estudios e investigaciones a entenderla, es una actividad humana esencial, imprescindible y necesaria. Para algunos, somos lo que somos gracias a la educación, en este sentido, reflexionar sobre la actividad educativa es, en términos generales, reflexionar sobre el propio ser humano. A lo largo de la historia del pensamiento occidental, no es difícil encontrar observaciones que señalan el acto de educar como una actividad capaz de colaborar eficazmente en la construcción de una sociedad que tienda a valorar la justicia, la armonía y la igualdad entre sus miembros. Pero para ello no se puede prescindir del diálogo; además, también es necesario comprender al individuo tal como es y preservar su libertad de principio a fin. En este breve estudio, el objetivo no es hacer un análisis profundo del acto de educar, elaborar una teoría modelo o presentar una idea concluyente sobre este tema, sino sólo colaborar con esta actividad humana a través de una breve contribución en el formato de una reflexión introductoria, a partir de lecturas y análisis de textos de algunos pensadores y estudiosos de este tema.

**Palabras clave:** Diálogo. Educación. Libertad. Sociedad.

**Abstract:** Education, as has been said many times, especially by those who dedicate their studies and research to understand it, is an indispensable, indispensable, and necessary human activity. For some, we are what we are thanks to education, in this sense, to reflect on the educational activity is, in general terms, to reflect on the human being itself. Throughout the history of Western thought, it is not difficult to find observations that point to the act of educating as an activity capable of collaborating effectively in the construction of a society that tends to value justice, harmony, and equality among its members. But, for this, dialogue cannot be dispensed with; moreover, it is also necessary to understand the individual as he is and preserve his freedom from beginning to end. In this short study, the goal is not to make an in-depth analysis of the act of educating, to elaborate a model theory, nor to present a conclusive idea about this theme, but only to collaborate with this human activity through a brief contribution in the format of an introductory reflection, based on readings and analysis of texts by some thinkers and scholars on this subject.

**Keywords:** Dialogue. Education. Freedom. Society.

<sup>1</sup> Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com especialização em Psicopedagogia e Educação Infantil.

<sup>2</sup> Doutor em Filosofia. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

## Introdução

Em certa medida, qualquer pessoa que se preocupa com as questões educativas e se dedica ao seu estudo ou à sua compreensão, certamente é capaz de constatar facilmente que muito já foi dito e escrito sobre o ato de educar; além disso, não é difícil também perceber que existem diversos debates e discussões sobre essa atividade no sentido de buscar meios ou metodologias cada vez mais eficazes no intuito de melhorá-lo. Assim, esta proposta é apenas mais uma que se pretende juntar a tantos outros trabalhos já realizados por diversos autores, pesquisadores e pensadores sobre esse importante tema que, de uma forma ou de outra, diz respeito a todos nós; afinal, parece que não podemos escapar da ideia de que somos o que somos graças à educação (KANT, 1999). Nesse sentido, refletir sobre o ato de educar é envolver-se com um dos campos de atuação humana mais importante e imprescindível que, a cada dia, nos desafia a buscar meios para torná-lo mais eficaz; é também um esforço no sentido de tentar compreendê-lo efetivamente e colaborar, na medida do possível, para que ele alcance seus verdadeiros objetivos e possamos viver e conviver em uma sociedade justa e igual para todos, principalmente se há, de fato, um consenso de que a atividade educativa é capaz de contribuir para esse fim.

Uma reflexão sobre o ato de educar é, também, uma reflexão sobre o próprio ser humano que, em termos gerais, se confunde com a própria educação que faz parte da sua existência. Na verdade, quando se pensa cuidadosamente sobre o ser humano e sua existência nesse mundo, não parece ser possível falar do seu desenvolvimento como um todo, sem mencionar o papel fundamental e imprescindível da educação (REBOUL, 1985; SAVIANI, 2008). Assim, parece não existir dúvidas entre nós seres humanos de que a educação é, de um modo geral, uma atividade humana indispensável; e se ela é, de fato, uma atividade indispensável, isso significa dizer que falar do ato de educar é, certamente, falar de algo necessário, mas não se pode esquecer, em hipótese alguma, que o ato de educar precisa de liberdade para realizar de forma plena, afinal, onde não há liberdade, a educação não progride e, conseqüentemente, ela não alcança seus objetivos (VICENTE, 2016). Neste pequeno estudo, nossa proposta não é produzir uma teoria que sirva de modelo para a compreensão definitiva do ato de educar e nem apresentar uma ideia conclusiva sobre esse tema, mas sim colaborar com essa atividade humana através de uma pequena contribuição denominada aqui simplesmente de um breve olhar.

## O diálogo e o ato de educar

De um modo geral, quando se reflete sobre o ato de educar, o diálogo costuma sempre ser destacado ou apresentado como um dos elementos principais para o “sucesso” dessa importante atividade humana. Na verdade, para alguns estudiosos e pesquisadores da área da educação, parece que sem o diálogo, o processo educativo como tal, não consegue atingir seu objetivo e corre sério risco de perder o seu verdadeiro sentido; talvez seja por isso que Sócrates, esse pensador grego que sempre valorizou esse tipo de relação é, nas palavras de Jaeger (1994, p.191), o “educador por excelência”. Lembrar dos ensinamentos de Sócrates quando o que está em questão é a valorização do diálogo no campo educativo é, sem dúvida, uma atitude justa e coerente. Afinal, quando se olha para a história do pensamento ocidental, não é difícil constatar que Sócrates, mais do que qualquer outro pensador, fez do diálogo um dos seus principais meios para conduzir as pessoas a pensar, sem qualquer pretensão de impor sobre elas o seu modo de ver ou de entender as coisas (VICENTE, 2021). Sócrates, de um modo geral, revelou o valor e a importância do diálogo para o ato de educar; é por isso que suas ideias são consideradas por vários autores e pesquisadores como uma referência no campo da educação. O diálogo como entendido e praticado por ele permanece como uma fonte imprescindível e capaz de contribuir efetivamente para uma reflexão consistente sobre o processo educativo na atualidade; afinal, não parece que é possível educar efetivamente onde não existe o diálogo entre aqueles que se encontram envolvidos no processo educativo. Nesse sentido, quando se lida com o ato de educar é importante lembrar dos ensinamentos de Sócrates e, principalmente, da forma como ele entendia e praticava o diálogo, sem qualquer intenção de induzir as pessoas à conclusão pré-estabelecida.

É possível que ainda não esteja claro para todos que o melhor caminho para uma educação efetiva seja o diálogo, mas certamente está claro para qualquer pessoa que dedica seus estudos e pesquisas à compreensão da educação que, o ato de educar, não pode jamais dispensar o diálogo, principalmente porque trata-se de uma atividade humana que não caminha efetivamente e nem é capaz de produzir “bons frutos” quando ela ignora o papel e a importância do diálogo; e se está claro para os teóricos da educação que o diálogo é fundamental e imprescindível para o sucesso da atividade educativa, não se pode mais perder tempo, ele precisa ser efetivamente introduzido e praticado por



todos aqueles que se envolvem com esse processo, porque por meio do diálogo o ato de educar consegue instigar as pessoas a pensar. Se ainda existe alguma pretensão ou intenção de fazer do ato de educar uma atividade capaz de colaborar verdadeiramente para que cada ser humano possa ser, de fato, capaz de realizar a sua existência neste mundo, o diálogo não pode jamais ser ignorado. Por meio do diálogo é possível fazer do processo educativo uma atividade de liberdade, capaz de valorizar e estimular as ideias e o pensamento das pessoas nela envolvidas para que possam construir por elas mesmas os significados das suas experiências e utilizar suas capacidades para lidarem com problemas e resolvê-los (NOVAK, 1996; MORIN, 2003). Em outras palavras, educar por meio do diálogo pode contribuir para que cada ser humano seja capaz de explorar ao máximo as suas capacidades e se orientar neste mundo de forma livre e autônoma. No campo da educação, o diálogo não pode ser uma opção, mas sim uma necessidade; os envolvidos no processo educativo não podem ignorá-lo e nem deixar de praticá-lo efetivamente. Abrir mão do diálogo no campo da educação é abrir mão da própria educação.

O ato de educar baseado no diálogo é uma atividade humana que nunca perde seu valor e sua importância, sua validade e necessidade independem de época ou período; em outras palavras, o ato de educar que segue o caminho do diálogo, nunca envelhece ou perde a validade, ela permanece sempre atual, principalmente porque como ensinou Sócrates, esse tipo de atividade tem o poder de provocar o pensar e despertar as pessoas para a busca do conhecimento. O diálogo aplicado ao processo educativo tem o poder de despertar em cada pessoa o seu verdadeiro potencial intelectual e elevar o espírito humano ao seu ponto mais alto, sem qualquer desvio ou orientação para pensamentos, ideias, opiniões e posicionamentos pré-determinados ou pré-estabelecidos por este ou aquele indivíduo ou grupo específico (VALERA-VILLEGAS, 2019). Não é difícil constatar que, desde Sócrates, o diálogo sempre foi um importante meio para se buscar o conhecimento; exercer o ato de educar através do diálogo é uma forma eficaz de provocar nos indivíduos profundas inquietações que os impulsionam a questionar e buscar sempre o caminho da realidade e jamais o caminho da ilusão. O ato de educar baseado no diálogo é uma atividade benéfica para todas as pessoas que se encontram envolvidas nesse processo, principalmente porque todas elas acabam se sentindo não apenas como alguém que tem algo a dizer, mas também que é capaz de buscar e alcançar o conhecimento por si próprio. Em outras palavras, o diálogo, especialmente como Sócrates o entendia e praticava, é capaz de possibilitar a cada um



dos envolvidos no processo educativo, não apenas condições propícias para dizer algo, mas também para pensar e posicionar de modo livre e natural. O uso do diálogo na atividade educativa é uma das formas imprescindíveis de se colaborar efetivamente com a educação no sentido de torná-lo, de fato, capaz de despertar as pessoas para um pensar autônomo e crítico. Se o diálogo for bem conduzido ao longo do processo educativo por aqueles que são incumbidos de conduzir essa atividade, talvez a educação possa contribuir para que o “ensinar”, como disse Freire (1996, p.52), possa “criar as possibilidades” para a “produção” ou a “construção” do conhecimento; mas também não se pode esquecer que não é exagero dizer que a ausência do diálogo no campo da educação pode transformar o processo educativo em uma atividade desmotivadora e sujeita ao fracasso.

No campo da educação, para todos os lados ou ângulos que se olha, é impossível conceber o diálogo como um elemento dispensável no processo educativo; de um modo geral, os estudos e pesquisas sobre a educação consideram o diálogo algo imprescindível que deve efetivamente fazer da atividade educativa, uma vez que, sem o diálogo, dificilmente a educação consegue alcançar seu objetivo. Aqueles que têm interesse em conduzir a atividade educativa de modo a inquietar os indivíduos, no sentido de incitar o pensar, o questionamento e a busca do conhecimento, certamente não devem ignorar o papel e a importância do diálogo, mas também precisam lembrar sempre de um dos ensinamentos mais importantes de Sócrates: um “mestre” jamais “se impõe”, ele “se esforça” e faz tudo o que estiver ao seu alcance “para acordar uma consciência” (GUSDORF, 2003, p.6). E não há dúvida de que aquele que não impõe suas ideias sobre o outro, mas sim se esforça para acordar a consciência de uma pessoa, certamente colabora para que ela não apenas avalie as coisas e a si mesma, mas também para que ela pense e busque o conhecimento de forma intensa, livre, autônoma e contínua. O diálogo que fortalece o ato de educar, precisa ser sempre sincero, paciente e sereno para que ele possa, de fato, não apenas despertar, mas também instigar em cada indivíduo o desejo de saber e também de buscá-lo por si próprio. Nesse sentido, o processo educativo pode funcionar como uma “relação” saudável e produtiva entre os envolvidos, sem correr o risco de se tornar um mero discurso ou uma atividade centralizada em uma única pessoa que tende não apenas a expor um determinado tema ou conteúdo de acordo com sua compreensão ou entendimento, mas também a defender unicamente o seu ponto de vista sobre o assunto. Quando o diálogo é bem conduzido, o ato de educar provoca inquietação e desperta a capacidade de pensar e de “julgar” no indivíduo e o guia na



direção do conhecimento e da realidade, mas quando ele é utilizado apenas como disfarce para que as conclusões anteriormente elaboradas sejam apresentadas ou impostas, o processo educativo pode se transformar em uma atividade ilusória e prejudicial. O diálogo é, certamente, imprescindível para que aquele que conduz a atividade educativa, não se apresente como alguém que sabe e ensina aquele que não sabe, mas sim como alguém que conduz ou que auxilia o outro a trazer suas ideias e pensamentos para fora; é isso, por exemplo, que Sócrates fazia; ele agia “como o catalisador indispensável à tomada de consciência do saber que está sepultado em nós” (DUHOT, 2004, p.123). O diálogo é sempre benéfico ao ato de educar, aquele que o pratica efetivamente em sua atividade educativa, certamente colabora para o bem da educação.

## O poder do ato de educar

Como foi dito anteriormente, o diálogo apenas faz bem ao ato de educar e contribui para melhorá-lo, principalmente quando é praticado de acordo com o modo como Sócrates o compreendia e o praticava; por isso, não há motivo para não introduzi-lo no processo educativo. Educar através do diálogo é uma maneira eficiente de proporcionar uma formação adequada aos indivíduos, capaz de colaborar efetivamente para a construção e manutenção de uma sociedade justa para todos os seres humanos que nela vivem. Quando o ato de educar é conduzido de forma correta e efetiva, ele pode colaborar no sentido de evitar que nos tornemos seres perversos e corruptos, afinal, nunca é demais lembrar que, por mais que uma “natureza” seja boa, se ela receber os cuidados inadequados ou impróprios, ela pode se tornar “pior do que a natureza medíocre” (PLATÃO, *A república*, 491d-e). Nesse sentido, é preciso que o processo educativo não seja jamais uma atividade que dificulte ou impeça alguém de sair da simples opinião ou ilusão para alcançar o conhecimento ou a realidade. Provavelmente, quando Platão em sua obra *A república* visualizou uma sociedade organizada e justa, capaz de ser construída por meio de uma educação adequada e eficaz, ele estava pensando em uma prática educativa que libertasse as pessoas das suas opiniões e ilusões e as conduzissem rumo ao conhecimento e à realidade. Em sua teoria educativa como apresentada em sua obra, Platão acredita que quando o ato de educar é executado como deve ser, sem qualquer desvio ou tentativa de moldar alguém de acordo com ideias e pensamentos pré-determinados ou pré-estabelecidos, ele tem o poder e é capaz de



ultrapassar qualquer tipo de atividade cujo objetivo é simplesmente tentar introduzir algo na mente deste ou daquele indivíduo; bem conduzido, o processo educativo é capaz não apenas de formar seres humanos justos e amantes da verdade e retidão, mas também capazes de colaborar efetivamente para a construção de uma sociedade justa e igual para todos. Portanto, o ato de educar tem o poder de ser um instrumento eficiente capaz não apenas de melhorar cada pessoa individualmente, mas também de melhorar a sociedade como um todo; por isso ele é uma atividade imprescindível necessária, assim, todo o esforço humano no sentido de melhorá-lo e torná-lo cada vez mais eficaz é sempre bem-vindo.

O ato de educar tem o poder de preparar cada ser humano para se tornar bom e justo. Platão em suas reflexões sobre a educação, não dispensa o diálogo praticado e valorizado amplamente pelo seu mestre Sócrates. Nesse sentido, assim como em Sócrates, o ato de educar em Platão também valoriza o diálogo e ensina a pensar através dele. Quando é conduzido ou praticado de forma adequada, a atividade educativa é capaz de contribuir para que cada ser humano busque e valorize a “retidão”, respeite e preserve a justiça, além de amar a “verdade” e deixar de lado as meras aparências para buscar aquilo que é “essencial” (PLATÃO, *A república*, 487a; 521d;540d-e). Portanto, o ato de educar não se reduz a um processo ou a uma atividade que busca simplesmente ensinar aos seres humanos aquilo que aqueles que vieram antes criaram ou produziram, ele também, como observou Platão, se preocupa fundamentalmente em formar cidadãos capazes de serem felizes, justos e de respeitar a justiça. Nesse tipo de prática educativa como entendido por Platão, o que surge como mais importante e valorizado, não é aquilo que os seres humanos costumam chamar de “bens matérias”, mas sim aquilo que é correto, justo e essencial; a educação adequada busca atingir a essência humana, no intuito de colaborar para a formação de indivíduos íntegros e éticos (VICENTE, 2017). Para isso, o ato de educar precisa ser praticado de tal forma que ele possa, de fato, ser capaz de despertar no indivíduo as suas capacidades e seus talentos fundamentais, para que ele possa ser o que ele é verdadeiramente e mostrar o seu verdadeiro “caráter” sem qualquer imitação. O processo educativo é uma atividade importante e indispensável, mas é preciso sublinhar também que sua eficácia está diretamente ligada ao modo como ele é praticado; isso significa dizer, em termos gerais, como observou Platão em sua obra *A república*, que o ato de educar pode ser útil aos seres humanos, mas também ele pode ser prejudicial a eles. Portanto, o sucesso ou o fracasso da atividade educativa, bem

como seus benefícios ou malefícios para os indivíduos e a sociedade, dependem do modo como ela é praticada ou conduzida.

Provavelmente, para que o ato de educar não se transforme em uma atividade prejudicial aos seres humanos e à própria sociedade como um todo, uma das coisas que não pode ficar ausente é, certamente, o diálogo entre aqueles que se encontram envolvidos nesse processo. Como já foi dito e destacado anteriormente, o diálogo é um meio através do qual é possível conduzir ou auxiliar o indivíduo a pensar e a buscar o conhecimento por si próprio e de forma livre e autônoma. Aquele que exerce a atividade educativa, não pode esquecer que o ser humano é dotado da capacidade de pensar, discernir e julgar; ele também não pode ignorar o poder que o ato de educar tem na construção de uma sociedade digna, justa e igual para todos os seus membros. Praticado e conduzido de modo certo, o processo educativo tem o poder de libertar as pessoas e colocá-las na condição de alguém capaz de enxergar a “realidade” como ela é; em outras palavras, o ato de educar quando é conduzido como deve ser, não cria nuvens de dúvidas e incertezas na mente do indivíduo e nem o faz enxergar apenas futilidades e ilusões, mas sim o faz contemplar e enxergar a realidade e as coisas essenciais, porque instiga a mente a pensar e a refletir sem qualquer empecilho ou interferência externa. Quando uma pessoa pensa e reflete de forma livre, ele não enxerga sombras e nem futilidades, ele enxerga coisas reais, porque ele busca a verdade, o conhecimento e não a ilusão ou aparência. Se a intenção é fazer com que o ato de educar alcance, de fato, seu verdadeiro objetivo ou propósito, não se pode, em hipótese alguma, praticá-lo de outro modo, isto é, ele precisa sempre ser conduzido de tal forma que ele possa ser capaz de colaborar efetivamente no sentido de impulsionar o crescimento dos indivíduos como um todo, isto é, não apenas no sentido intelectual, mas também no sentido ético, para que eles possam viver e conviver juntos e em harmonia no seio de uma sociedade justa e igual para todos.

O ato de educar deve se esforçar para guiar o indivíduo na direção certa, sempre no intuito de instigar as suas capacidades e possibilitar que ele pense de forma livre e consiga desenvolver todos os seus talentos. Essa tarefa pode parecer difícil, mas certamente não é impossível, a atividade educativa tem o poder de executar essa tarefa de forma efetiva se ela for conduzida adequadamente. Provavelmente, apenas desse modo é possível, como observou Platão, não apenas melhorar a educação em si, mas também modificar e melhorar a própria “sociedade no seu todo” (PAPPAS, 1996, p.27; 84). Para o filósofo grego, a atividade educativa deve ser capaz não apenas de formar o



indivíduo, mas também de transformar a própria estrutura da sociedade; para isso acontecer, de fato, ela precisa ser executada ou praticada não como um processo que simplesmente introduz algo na “alma” desta ou daquela pessoa, mas também como uma atividade que possibilite ao indivíduo conhecer a si próprio, desenvolver suas capacidades ao máximo e despertar para a reflexão. Para atingir seu objetivo, o ato de educar precisa ser capaz de fazer com que o indivíduo desperte para o saber e o ame intensamente (ÁNGEL e VILLA, 2012). O poder do processo educativo está para além do indivíduo em particular, isto é, quando é executado de forma adequada, ele faz bem ao indivíduo, mas também faz bem à sociedade como um todo; o ato de educar, principalmente como ensinou Platão em *A república*, é uma esperança animadora de que um dia é possível existir pessoas justas e felizes vivendo em uma sociedade justa, igual e harmoniosa. Nesse sentido, não se pode esquecer de praticá-lo de tal forma, que ele possa, de fato, afastar o indivíduo da ilusão e da aparência e conduzi-lo à realidade, ao conhecimento à excelência. E nunca é demais lembrar que, em termos platônicos, o ato de educar não pode ser dirigido apenas a alguns indivíduos ou a alguns membros específicos de uma determinada sociedade, para atingir seus objetivos, ele precisa também ser dirigido a todos aqueles cuja responsabilidade é, por exemplo, governar; se o ato de educar atingir apenas alguns indivíduos ou grupos específicos e não for capaz de alcançar também aqueles que governam, o sonho de se construir uma sociedade justa ficará cada vez mais longe de se realizar. É praticamente impossível melhorar a sociedade como um todo se a educação não alcançar também, de forma efetiva, aqueles que governam; os governantes precisam também alcançar a excelência, para isso, eles também precisam passar pelo processo educativo para que sejam capazes de contribuir, de fato, para a construção de uma sociedade justa, igual e harmoniosa para todos os seus membros.

O ato de educar precisa ser aplicado efetivamente a todos e não apenas a alguns; em outras palavras, nenhuma pessoa deve ser “poupada” da educação, todos precisam e devem passar por esse processo, principalmente se desejamos viver em uma sociedade que funcione adequadamente e onde todos possam viver em harmonia e de forma digna. Por isso para Platão, a atividade educativa precisa ser dirigida também aos governantes, estes não podem ser dispensado desse processo em hipótese alguma. De acordo com a teoria platônica, não se pode abrir mão de ter um governo capaz de enxergar a realidade ou a verdade como ela realmente é, isso somente é possível através da educação (SCHILLING, 1974). É importante também lembrar que uma sociedade justa, digna e



harmoniosa, não se constrói apenas com a satisfação das necessidades materiais dos indivíduos, ela também se constrói através da atividade educativa dirigida a cada um dos seus membros; e se esse processo de educar os membros de uma sociedade for executado de forma adequada, ele é capaz inclusive de impedir o surgimento e a proliferação de mazelas como, por exemplo, a corrupção que, de um modo geral, é capaz de destruir qualquer sociedade humana e politicamente organizada. Quando o ato de educar é bem dirigido, ele possibilita a cada membro de uma sociedade desempenhar a sua função com retidão e sem qualquer desvio; a atividade educativa pode ser o fundamento maior de uma sociedade, mas para isso ela precisa se constituir em um processo que, verdadeiramente, colabore para o desenvolvimento das capacidades e dos talentos dos indivíduos. É preciso que o ato de educar liberte os indivíduos de tudo aquilo que o prende e o atrapalhe em seu processo de desenvolvimento; é preciso que ele colabore para que o indivíduo se desenvolva de modo integral e seja capaz de buscar o conhecimento e usar efetivamente suas capacidades de pensar, refletir e falar (SCHILLING,1974; PIROZZI, 2013). De acordo com a perspectiva platônica, o ato de educar é uma ação poderosa, fundamental e, por isso, não pode ser ignorado ou negligenciado por aqueles que se encontram nele envolvido; não parece existir outro meio, de acordo com Platão, de evitar a injustiça na sociedade, senão por meio do ato de educar que conduz o indivíduo a buscar o conhecimento e a enxergar a realidade (VICENTE, 2014; 2016). Ao exercer o ato de educar, não se pode esquecer do diálogo que é um elemento fundamental para que essa atividade alcance seus verdadeiros objetivos ou propósitos, entre eles, contribuir efetivamente para a formação de pessoas pensantes, justas e capazes de construir uma sociedade justa e harmoniosa para todos.

## O ato de educar e a “preservação” do indivíduo

No ato de educar é também fundamental a preservação de cada indivíduo como ele é; isto é, essa atividade humana imprescindível, não pode deixar de respeitar e de preservar o indivíduo como um ser livre, como ensinou, por exemplo, Rousseau em sua obra *Emílio* (1995). Em outras palavras, para esse pensador genebrino que sacudiu os pilares do pensamento educativo da sua época, todos nós nascemos livres e, portanto, a atividade educativa precisa não apenas observar essa condição, mas também se esforçar para que cada indivíduo possa permanecer sempre livre de início ao fim e possa desenvolver sua capacidade e seu talento de forma natural (VICENTE, 2022). O ato de



educar, principalmente como observou o pensador genebrino, precisa estar sempre atento para que a constituição natural de cada indivíduo permaneça sempre intacta. Nunca é demais lembrar, por exemplo, que Rousseau, assim como Platão, acredita que o ato de educar pode ser prejudicial ao indivíduo se não for bem executado ou dirigido; afinal, “tudo é certo em saindo das mãos do Autor das coisas, tudo degenera nas mãos dos homens” (ROUSSEAU, 1995, p.9). Portanto, aquele que lida com o processo educativo, precisa levar em consideração essa possibilidade e ficar atento para não errar; se fracassar, não pode deixar de reconhecer o fracasso e assumi-lo, quem envolve com a educação, precisa estar disposto e preparado para responder por ela (ABBAGNANO; VISALBERGHI, 1957). Educar alguém, em termos rousseauianos, não consiste em mudar ou transformar sua natureza, mas sim em cuidar atentamente para que ele permaneça sempre como ele é e possa desenvolver naturalmente. O processo educativo não pode fragmentar o indivíduo e nem dividi-lo, mas sim preservá-lo inteiro e livre, para que ele possa não apenas pensar e refletir com seus próprios recursos, mas também ser capaz de se relacionar, seja com ele mesmo ou com seus semelhantes. É difícil e praticamente impossível executar a atividade educativa de forma adequada, sem uma crença firme de que é preciso possibilitar condições para que o indivíduo se desenvolva de forma livre, sem qualquer tipo de autoritarismo, inibição ou empecilho; no processo educativo, todos os envolvidos merecem atenção e devem ser respeitados como seres livres e capazes de pensar, refletir e falar. Muito mais do que ensinar este ou aquele conteúdo específico, a atividade educativa precisa se preocupar também em despertar e aguçar a capacidade de pensar de cada indivíduo. É por isso que o ato de educar jamais pode se transformar em uma atividade controladora que força o indivíduo a olhar apenas para um determinado lado e seguir ou aceitar apenas o que foi previamente determinado.

O processo educativo precisa sempre respeitar o indivíduo como um ser livre e fazer tudo o que estiver ao seu alcance para mantê-lo sempre livre, isto é, como ele é; dessa forma, a atividade educativa tem grande chance de atingir seus objetivos, sem correr o risco de moldar o indivíduo de acordo com ideias ou opiniões pré-estabelecidas ou pré-concebidas. Educar é, principalmente, não alterar ou modificar a natureza do indivíduo; ele precisa se manter sempre como ele é e seu desenvolvimento deve ocorrer de forma natural. Evitar a prática educativa que submeta o indivíduo a uma determinada vontade, ideia ou opinião é fundamental para o sucesso educativo; quando se educa sem a intenção de influenciar, mas sim de colaborar para o desenvolvimento efetivo da capacidade dos indivíduos, a educação se torna uma atividade capaz de atingir seus



verdadeiros objetivos. De um modo geral, em sua obra *Emílio*, Rousseau pensa o ato de educar como uma atividade que afaste o indivíduo de todo e qualquer tipo de influência que possa ser maléfica para o seu desenvolvimento natural. Talvez seja por isso que ele ocupa lugar de destaque no campo da educação e na história da pedagogia como um todo, além de ter inspirado diversos educadores ao longo do tempo. As ideias educativas de Rousseau presente em sua obra *Emílio*, não têm qualquer pretensão de moldar ou modificar os indivíduos, mas sim protegê-los e preservá-los como eles são, para que o desenvolvimento de cada um deles possa ocorrer de modo natural, sem qualquer perturbação, desvio ou fragmentação; de acordo com o pensador genebrino, apenas dessa forma é possível exercer o ato educativo de forma prazerosa e sem qualquer desarmonia ou danos para os indivíduos. Nesse sentido, todos aqueles que se envolvem com o processo educativo, precisam se esforçar no sentido de entender cada indivíduo como ele é e jamais tentar mudá-lo ou transformá-lo através de imposições de ideias, opiniões, pensamentos ou comportamentos; o ato de educar deve sempre ser uma atividade que possibilite o desenvolvimento livre das capacidades e dos talentos de cada indivíduo em seu momento próprio, para que ele seja capaz de alcançar a sua autonomia de forma efetiva e integral (NISKIER, 2001; EBY, 1962; WOKLER, 2012). De acordo com Rousseau, quando o processo educativo segue caminhos diferentes daqueles traçados em sua obra *Emilio*, ele pode correr o risco de fracassar em seus verdadeiros propósitos ou objetivos; de um modo geral, o ato de educar, principalmente como Rousseau o descreve, não pode ser uma atividade centralizada ou focada naquele que educa, mas sim naquele que está sendo educado. Quando a atividade educativa tem como foco principal o educando e não o educador, ela tem mais probabilidade de colaborar para o desenvolvimento efetivo das capacidades dos indivíduos de forma natural e harmoniosa, sem qualquer prejuízo.

De acordo com Rousseau, a educação não precisa ser um processo complexo e carregado de artificialidade e ideias pré-concebidas, mas sim uma atividade simples, natural e sem qualquer imposição de ideias ou opiniões; em outras palavras, para o pensador genebrino, o ato de educar precisa simplesmente guiar o indivíduo para que ele possa desenvolver seus talentos e suas capacidades de forma natural e evitar que, ao longo desse processo, ele possa sofrer influências que podem ser prejudiciais para o seu crescimento. Dessa forma, o ato de educar será um processo prazeroso para o indivíduo e será capaz de colaborar para que ele se desenvolva de modo integral e harmonioso. É por isso que o ato de educar precisa sempre fazer o esforço necessário para entender e



tratar o indivíduo como ele é, afinal, não parece ser uma atitude benéfica para o processo educativo, quando o educando não é entendido ou compreendido como ele é verdadeiramente. Compreender e considerar o indivíduo como ele é, em todos os seus aspectos é, certamente, uma atitude imprescindível e fundamental para que o seu desenvolvimento ao longo do processo educativo possa, de fato, alcançar êxito. É por isso que a atividade educativa deve sempre considerar o educando como ponto central, isto é, ele deve ser sempre o foco principal de todo o processo educativo que, em essência, como observou Rousseau, não precisa ser uma atividade que consiste na tentativa de encher uma cabeça de ideias ou conteúdos produzidos por aqueles que vieram antes, mas sim que seja pelo menos capaz de auxiliar cada indivíduo para que ele possa desenvolver as suas capacidades de forma natural. Esse objetivo, no entanto, não será alcançado sem o esforço daqueles que se envolvem com o ato de educar, principalmente no sentido de entender cada indivíduo como ele é em si mesmo; além disso, os envolvidos no processo educativo precisam também se esforçar para que suas ideias, opiniões e posicionamentos não prejudiquem o desenvolvimento natural dos indivíduos. Todo o ato de educar precisa ser uma atividade prazerosa capaz de contribuir efetivamente para que cada indivíduo possa desenvolver suas habilidades e seus talentos de forma plena.

### Considerações finais

O ato de educar como foi apresentado anteriormente é, sem dúvida, uma atividade humana indispensável, mas também parece evidente que sua eficácia ou o seu “sucesso”, não depende de outra coisa senão do modo como é praticada por aqueles que nele se encontram envolvidos; essa constatação surge a partir da análise das ideias educativas de alguns autores que serviram de base para a elaboração deste pequeno estudo. O que também pode ser constatado em relação ao ato de educar, principalmente nos textos de Platão presentes em sua obra *A república*, é que essa atividade humana necessária e imprescindível é, sem dúvida, algo benéfico para o indivíduo em particular e para a sociedade como um todo quando é bem conduzido, mas também ele pode ser altamente prejudicial quando sua a condução ocorre de modo inadequado. Para que alcance seu propósito, o ato de educar precisa, pelo menos, valorizar o diálogo, entender cada indivíduo como ele é, preservar a sua liberdade de início ao fim e colaborar efetivamente para que ele possa desenvolver suas capacidades e seus talentos de forma



natural. Dessa forma, a atividade educativa pode colaborar efetivamente para o desenvolvimento pleno e integral dos indivíduos. Sem a pretensão de moldar as pessoas de acordo com este ou aquele pensamento pré-estabelecido ou pré-determinado, mas sim disposto a possibilitar que cada uma delas possa desenvolver sua capacidade e seu talento de forma natural e seja capaz de pensar e buscar o conhecimento por si própria, o ato de educar pode ser uma atividade eficaz para a construção de uma sociedade que incline a valorizar a justiça, a igualdade e a harmonia entre os seus membros.

## Referências



ABBAGNANO, Nicola; VISALBERGHI, Aldo. *História da pedagogia*. Lisboa: Livros Horizontes, 1957.

ÁNGEL, Policarpo Chacón; VILLA, Francisco Covarrubias. El sustrato platónico de las teorías pedagógicas. *Tiempo de Educar*, vol. 13, núm. 25, enero-junio, 2012, p. 139-159.

DUHOT, Jean-Joel. *Sócrates ou o despertar da consciência*. Trad. Paulo Menezes. São Paulo: Loyola, 2004.

EBY, Frederick. *História da educação moderna: teoria, organização e práticas educacionais* (séc. XVI – séc. XX). Trad. Maria Angela Vinagre de Almeida, Nelly Aleotti Maia e Malvina Cohen Zaide. Editora Globo: Porto Alegre. 1962.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSDORF, Georges. *Professores, para quê?: para uma pedagogia da pedagogia*. Trad. MF. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JAEGER, Werner. *Paideia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NISKIER, Arnaldo. *Filosofia da educação: uma visão crítica*. São Paulo: Loyola, 2001.

NOVAK, Joseph. *Aprender a aprender*. Trad. Carla Valadares. Lisboa: Plátano, 1996.

PAPPAS, Nickolas. *A república de Platão*. Trad. Abílio Queiroz. Lisboa;/ Ed.70, 1996.

PLATÃO. *A república*. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PIROZZI, Giani Peres *EduCAÇÃO: princípios ativos da arte de educar*. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

REBOUL, Olivier. *Filosofia da educação*. Trad. Luiz Damasco Penna. São Paulo: Ed. Nacional, 1985.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, Dermeval. *A nova lei da educação: trajetória, limites e perspectivas*. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.



SCHILLING, Kurt. *Historia das ideias sociais: indivíduo, comunidade, sociedade*. Trad. Fausto Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

VALERA-VILLEGAS. Gregorio. Sócrates y la enseñanza. La dialéctica socrática. *Revista Pilquen*. Sección Psicopedagogía. v.16, n.1, 2019.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Sócrates: diálogo e educação. *Kalagatos*, v.18, n.2, 2021.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Pensando a educação com Sócrates, Platão e Rousseau*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

VICENTE, José João Neves Barbosa. O papel da educação na república de Platão. *Kínesis*, v. VI, n° 11, 2014.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Rousseau e a “revolução” no campo da educação. *Revista Lampejo*, v.10, n.2, 2022.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Ética: a vida sem máscaras*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2017.

WOKLER, Robert. *Rousseau*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

*Submetido em: 16/09/2022*

*Aceito em: 30/12/2022*